

ALTERNATIVAS DIVERSAS PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA

Autor(1): Ramon Marinho Gomes; Co-autor(1): Giusepp Cassimiro da Silva Co-autor (2)
Josandra Araújo Barreto de Melo

Universidade Estadual da Paraíba

Bolsista do PIBID, Subprojeto Geografia, Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: ramongomes032@gmail.com; Professor Supervisor do PIBID na E.E.E.F.M. São Sebastião. E-mail: g.sepp@hotmail.com; Coordenadora da área de Geografia no PIBID, Departamento de Geografia, Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: ajosandra@yahoo.com.br

RESUMO

Este trabalho versa sobre intervenção didática-pedagógica realizada em uma turma de ensino médio, no âmbito do subprojeto Geografia, PIBID/ CAPES/ UEPB na E.E.E.F.M São Sebastião, Campina Grande-PB, com a tentativa de melhorar o ensino-aprendizagem e buscando novas ferramentas de ensino que venha a mostrar a importância e trazer para a realidade do aluno a Geografia. De início foi necessário aplicar um questionário investigativo, na tentativa de traçar um perfil da sala de aula. Após, foram abordadas quatro intervenções, cada uma com sua particularidade e voltada para o conteúdo programático realizado em cada bimestre, não desvirtuando da capacidade física e financeira que a escola fornecia. Diante do que foi apresentado, a primeira intervenção versava sobre a alfabetização cartográfica, que foi trabalhada concomitantemente com o bolsista, supervisor e alunos na biblioteca escola; outra intervenção foi o uso de tecnologias para o aprendizado de conteúdo e leitura de mapas na qual utilizou-se da sala de vídeo fornecido pela escola; após isso foi trabalhado o uso de maquetes, na tentativa de aproximar a leitura dos mapas para algo mais próximo, ou seja, para uma escala mais local, proporcionando a interação entre colegas de classe, bolsista e professor supervisor; além disso foi trabalhado o laboratório de campo, na tentativa de aproximar o que foi trabalhado em mapas, conteúdo na sala de aula com a sua própria cidade. Dessa forma, essa pesquisa se desenvolve de maneira pesquisa qualitativa, na modalidade pesquisa ação, aplicando a pesquisa de maneira prática na vida dos discentes em escola pública, utilizando os próprios agentes da sala de aula como parte das análises e pesquisas.

Palavras-Chave: Ensino de Geografia, Tecnologia, Mapas.

INTRODUÇÃO

Ler mapas é um processo que começa com a decodificação, envolvendo algumas etapas metodológicas as que devem ser respeitadas para que a leitura seja eficaz (Almeida e Passini, 2015). Partido dessa premissa, é indicado que os estudantes de ensino médio façam a leitura e interpretação de mapas, utilizando recursos que estão disponíveis na própria escola. Além disso, fazer com seja elaborado algo mais palpável, ou seja, iniciar a construção de maquetes, para que fique mais claro a relação que ocorre entre os mapas e o meio na qual eles estão inseridos.

Assim, partindo dessa iniciativa a partir da observação da turma 1 Ano “D” do ensino médio da Escola Estadual São Sebastião, Campina Grande-PB, selecionada para participar do subprojeto Geografia no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), foi verificado que os discentes não se interessavam e não entendiam por completo a importância da leitura de mapas a partir do conteúdo programático. Dessa maneira, o projeto vem a mudar as características enfadonhas que muitos estudantes pensam que é o ensino de Geografia.

A partir disso, para intervenção na sala de aula selecionado o conteúdo sobre alfabetização cartográfica, enfatizando os mais diversos aspectos que o mapa pode proporcionar, levando em consideração sua importância para o ensino de Geografia, conforme afirma os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’ s):

“O estudo da linguagem cartográfica, tem cada vez mais reafirmado sua importância, desde o início da escolaridade. Contribui não apenas para que os alunos venham a compreender e utilizar uma ferramenta básica da Geografia, os mapas, como também para desenvolver capacidades relativas à representação do espaço” (PCN, 2001, p. 118).

Logo sendo a Geografia uma ciência que analisa o espaço geográfico, fica cada vez mais notório que tal conteúdo deve ser trabalhado veementemente desde as séries iniciais até o ensino médio, revelando as particularidades, desafios, características e análise do espaço e do lugar na qual o indivíduo está inserido.

Além disso, para reforçar o ensino-aprendizagem em sala de aula e somar juntamente com a alfabetização cartográfica, a construção de maquetes para tornar algo mais próximo da realidade do aluno, diminuir uma escala global para uma escala em suas próprias mãos, também foi uma alternativa trabalhada. Conforme afirma Castrogiovanni (2000):

“A cartografia é a representação simbólica de um espaço concreto, que emprega a linguagem semiótica complexa: signos, projetos e escala. O próprio mapa compreende um signo. O mapa é um símbolo que representa o espaço geográfico de forma bidimensional reduzida. A elaboração de um mapa envolve o conhecimento do espaço geográfico e sua codificação é que traduz em imagem o significado, o conteúdo” (CASTROGIOVANNI, 2000, p. 39).

Isto posto, é necessário conciliar a alfabetização cartográfica com a utilização de maquetes, na qual a primeira localizará o aluno no espaço geográfico e o outro para representar de modo físico e visível o conteúdo que o aluno está estudando. Para tanto, é necessário envolver toda a comunidade acadêmica e contar com a presença de material didático adequado para trabalhar das mais variadas maneiras, a fim de tornar o ensino de Geografia mais atrativa, retirando o enfado e

tradicional ensaio a que o ensino da Geografia ficou condicionada durante alguns anos, para isso afirma Lévi (2003):

Os diversos agenciamentos de mídias, tecnologias intelectuais, linguagem e métodos de trabalho disponíveis em uma dada época condicionam fundamentalmente a maneira de pensar e funcionar em um grupo vigente em uma sociedade. (LEVY, 1993, p.52).

Para isso, além da explanação e explicação de mapas e construção de maquetes é necessário inovar com vários recursos didáticos advindos da tecnologia, utilizando o uso de projetores e vídeo. Na tentativa de aproximar o aluno ao seu cotidiano e ao seu lugar, torna-se de extrema importância trazer essas inovações com conteúdo que o cercam, retratando a sua comunidade, a sua cidade e os desafios e avanços que são postos para ele como agente transformador do espaço geográfico, conforme explica Neves (2003):

O estudo do regional, ao focalizar o peculiar, redimensionaria a análise do nacional, que ressalta as identidades e semelhanças, enquanto o conhecimento do regional e do local insistira na diferença e diversidade, focalizando o indivíduo no seu meio sociocultural, político e geo-ambiental, na interação com os grupos sociais em todas as extensões, alcançando vencidos e vencedores, dominados, conectando o individual com o social. (Neves, 2002, p. 89)

Destarte, faz-se de maneira clara a relevância de análise da história e mudanças políticas, geográficas e culturais do entorno do estudante para compreender o seu presente e orientá-lo através dos mais diversos meios as configurações sociais, climatológicas ou qualquer outro conteúdo programático que estiver sendo ministrado em sala de aula. Torna-se evidente que, uma série de metodologias em torno de determinado conteúdo é indispensável para o ensino-aprendizagem de qualquer disciplina ministrada no ensino médio.

Assim, esse trabalho tem como objetivo demonstrar uma abordagem-intervenção em sala de aula em ensino médio em escola pública na cidade de Campina Grande-PB, utilizando os mais variados recursos didáticos, a citar-se como exemplo a alfabetização cartográfica, utilização de vídeo e slides, uso de maquetes e a utilização do laboratório de campo como ferramenta de pesquisa e aprendizagem.

METODOLOGIA

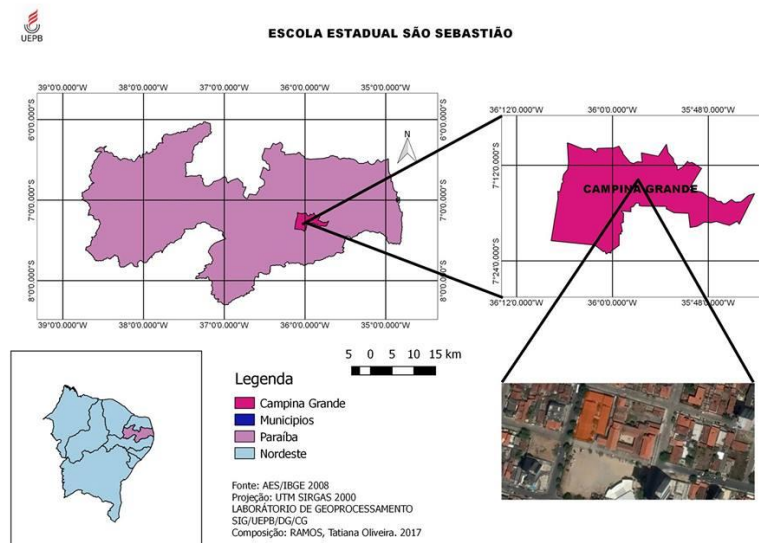
Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa, na modalidade pesquisa ação.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da

realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. (Thiollent,1985:14).

Dessa forma, o presente trabalho vem sendo desenvolvido na E.E.E.F.M São Sebastião, localizada no Bairro do Alto Branco em Campina Grande-PB, conforme mostra figura 1:

Figura 1: Localização da Escola São Sebastião



Fonte: Ramos, T. O- 2017

A intervenção realizada na escola, aconteceu em uma turma de ensino médio com a presença de 20 alunos, estando todos voltados para as intervenções e propostas do PIBID. A intervenção aconteceu após a percepção das características do aluno e após isso aplicação de questionário investigativo, com a finalidade de analisar as características, percepções e ideias individuais dos discentes. O questionário investigativo contou com questões acerca da importância da Geografia para o seu dia-a-dia e o que se espera da disciplina no decorrer do ano letivo em vigência.

Assim, será abordado os mais variados conteúdos programados para serem estudados no primeiro ano do ensino médio, como a interpretação de mapas, leitura de escala, tamanho real, tamanho no mapa, fatores endógenos e exógenos,

círculo de fogo do pacífico e do atlântico, fatores que influenciam o clima e tipos do clima no Brasil e no mundo.

As intervenções se deram de maneira sistematizada e em ordem, como é explicado a seguir:

1. Apresentação dos conteúdos por parte do professor supervisor
2. Aula de alfabetização cartográfica utilizando a biblioteca local
3. Utilização de vídeo e slides sobre o conteúdo
4. Construção de maquete simulando um vulcão
5. Aula de campo em museus da cidade

Atualmente, a intervenção didático-pedagógica está em fase de finalização das aulas, com aproveitamento total de todas as intervenções propostas e com participação assídua do alunado. As avaliações previstas foram dadas em decorrência da apresentação de dados expostos, participação em sala de aula, apresentação em seminário e relatório de aula de campo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como forma de ter uma análise das características da sala de aula em questão, foi aplicado um questionário investigativo, no qual foi respondido e chegou-se a conclusão que, os alunos apenas entendiam a importância de estudar essa ciência somente relacionado com o assunto que estava sendo ministrado na época. Além disso, foi proposto, por parte dos próprios alunos, a utilização de outros meios de ensino, ir além do tradicional uso de quadro negro e livro didático, que também exerce sua importância didática.

Como primeira intervenção realizada foi proposto a utilização da biblioteca local, selecionando cerca de sete mapas das mais variadas características, como África-Físico, América- Físico, Brasil- Político e Mapa-múndi. Utilizou-se como referencial teórico as autoras Almeida e Passini (2015), além da utilização do próprio livro didático para assimilação de conteúdo visto em sala de aula. A imagem a seguir mostra como foi trabalhado tal conteúdo de forma coletiva:

Figura 2: Alunos analisando as informações dos mapas



Fonte: GOMES, R.M. Junho -2017

Como mostra a imagem anterior, todos participaram de forma ativa e pesquisando acerca do que um mapa pode ensinar. Foi proposto que deveria ser analisado a escala dos mapas, título, legenda e que informações estavam sendo repassadas através da análise. Todo o processo foi acompanhado pelo bolsista e pelo professor supervisor, sanando as dúvidas e orientando para um melhor embasamento e construção de uma atividade mais prática e lúdica.

Após essa análise, os alunos apresentaram os dados e informações repassadas pelos mapas em forma de seminário, uma forma de melhorar a dialética e perda de timidez em apresentação em público. A imagem a seguir mostra um exemplo da apresentação na própria biblioteca.

Figura 3: Figura 2: Apresentação dos resultados



Fonte: GOMES, R.M. Junho -2017

Como pode ser visto na imagem anterior, os alunos ficaram bem fixados para observar a

explicação e análise dos mapas estudados por seus colegas de classe. No decorrer das apresentações, houve um debate e acréscimo de informações por parte daqueles que se faziam presente na sala de aula. O resultado foi bem alcançado, de maneira que nas aulas posteriores a atividade foi bem comentada.

Como forma de levar a tecnologia para a sala de aula, foi proposto a explanação de vários conteúdos através de recursos visuais e áudio visuais, elaborando slides e amostra de vídeos advindos da plataforma Youtube, com a elaboração de questionário acerca do que foi ministrado e debates críticos sobre problemas econômicos, sociais e ambientais que poderia estar acontecendo em decorrência de alguns fenômenos estudados pela Geografia. A imagem a seguir exemplifica uma dessas intervenções realizada na sala de vídeo da instituição de ensino.

Figura 4: Utilização de vídeo para o ensino e aprendizagem de Geografia



Fonte: GOMES, R.M. Julho -2017

Com a apresentação em vídeo, os discentes puderam perceber de forma mais clara e objetiva alguns aspectos que antes não podia ser trabalhado na tradicional sala de aula, analisando filmes e vídeos e vendo na prática a importância de estudar aquele conteúdo, observando que a Geografia está relacionada com os eventos que os cercam diariamente.

Outro recurso que foi utilizado para dinamizar o conteúdo programático ministrado, foi a construção de maquete de vulcão. O assunto que estava sendo estudado no terceiro bimestre tratava sobre processos endógenos e exógenos e suas interferências no relevo terrestre, intensificando o conhecimento sobre o processo de vulcanismo. Com a proposta de aproximar o conteúdo com algo que diminuísse a escala global para uma escala local, foi elaborado a confecção de material para a construção destes. A imagem a seguir mostra a participação do alunado na construção dos vulcões:



Figura 5: Confeção de maquete em sala de aula



Fonte: GOMES, R.M. Setembro -2017

Na situação em questão, os discentes trabalharam em grupo, dinamizando a confecção e trocando sugestões entre seus colegas de classe. Além disso, tiveram acesso total aos mais variados equipamentos e materiais diversos, tendo total controle desde o início até o final e dando suas características próprias na maquete. Sendo uma proposta elogiada e comentada por parte daqueles que se fizeram presente em sala de aula. Foi notória uma diferença na participação em sala de aula por parte dos alunos e o aumento dos questionamentos críticos sobre os efeitos negativos e positivos dos vulcões.

Outra intervenção trabalhada com a turma em questão, a fim de trazer as características geográficas e históricas da cidade em que os alunos residem, foi o laboratório de campo, na qual foram visitados dois museus públicos que retratam as atividades agrárias e industriais que foram o grande gerador de economia em outrora. Ademais, reconhecer alguns artistas, livretos e artesanato que são fabricados de maneira manual por pequenos produtores da cidade e região. A imagem a seguir revela um desses momentos:

Figura 6: Alunos no Museu do Algodão



Fonte: GOMES, R.M. Novembro-2017.

Dessa maneira, os alunos ficaram bastante interessados na aula de campo, que contou com a discussão do conteúdo por parte do professor supervisor, bolsista e funcionários dos museus e intervenções em forma de questionamentos por parte dos discentes. Foi perceptível a admiração e assimilação do conteúdo visto em sala de aula com o que estava sendo exposto, facilitando o aprendizado e aumentando a capacidade crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então com as atividades desenvolvidas, mesmo com alguns atrasos devido as paralisações na rede estadual de ensino, foi possível perceber que resultados positivos foram alcançados através da diversidade de intervenções realizada já escola, corresponde aos anseios empregados no início da aplicação do projeto de iniciação à docência, na qual pode-se perceber interação entre o conteúdo ministrado e o alunado, permitindo reconhecimento da importância dessa ciência para o dia-a-dia.

Dessa forma, espera-se mudar a realidade, mesmo que de forma pequena, nas escolas públicas no que diz respeito as dificuldades de desenvolver e aplicar novos métodos, desvirtuando do já tradicional conteúdo passado somente na relação quadro e escrita, aperfeiçoando a Geografia crítica e mostrando que é possível entender fenômenos que estão ao redor do aluno.

Por conseguinte, é de extrema importância a atuação do PIBID, proporcionado a pesquisa e o ensino de forma concomitante, aproximando a universidade da escola pública e favorecendo a formação de licenciatura do bolsista e aperfeiçoamento contínuo do professor supervisor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rosângela Doin de; PASSINI, Elza Yasuko. **O espaço geográfico: ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 2015.

CASTROGIOVANNI, Antonio. C. et al. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento na era da informática.** Editora 34. Rio de Janeiro. 2004.

MATIAS, Lindon Fonseca. **Por uma cartografia geográfica: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO GRÁFICA NA GEOGRAFIA.** 1996. 476 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996. Cap. 476. MATIAS,

NEVES, Erivaldo Fagundes. **História Regional e Local no Brasil: fontes e métodos da pesquisa histórica regional e local.** Feira de Santana/ Salvador, UEFS/ ed. Arcádia, 2002.

